

A Homilia: conceituação e caracterização de um gênero oral da comunidade discursiva Católica Apostólica Romana

The Homily: conceptualization and characterization of an oral genre of the Roman Catholic Apostolic discursive community

Sandra Eleutério Campos MARTINS*

RESUMO: Neste trabalho, dedicamo-nos a investigar um gênero oral, a homilia, que circula em uma das esferas da atividade humana – a religiosa Católica Apostólica Romana, como parte integrante da Liturgia, na Igreja, com vistas a conceituá-lo e caracterizá-lo, a partir dos aspectos constitutivos do gênero, propostos por Bakhtin (2003), e constitutivos da fala, como modalidade de funcionamento da língua, especialmente de acordo com Marcuschi e Dionísio (2007) e, ainda, da proposta de Travaglia ([2003]/2007) de parâmetros e critérios para caracterização das categorias de texto. Para constituir o *corpus* dessa investigação, escolhemos aleatoriamente 10 (dez) homilias gravadas em vídeo, disponíveis em diferentes *sites* religiosos, e procedemos à transcrição dessas homilias. As categorias de análise permitiram-nos proceder à descrição e caracterização das homilias, caracterizando-as enquanto gênero. A partir dessa análise, pudemos inventariar as suas configurações, no que se refere à estrutura composicional, ao conteúdo temático, à função sociocomunicativa, às características da superfície linguística e às condições de produção.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros de texto. Gêneros orais. Homilia.

ABSTRACT: In this work, we study an oral genre, the homily, which circulates in one of the spheres of human activity, the Roman Catholic religious, as an integral part of the Liturgy, in the Church, with a view to conceptualizing and characterizing it, from the constitutive aspects of the genre, proposed by Bakhtin (2003), and constitutive of speech, as a modality of language functioning, especially according to Marcuschi and Dionísio (2007), as well as the proposal of Travaglia ([2003] / 2007) of parameters and criteria for characterization of text categories. In order to constitute the corpus of this investigation, we randomly chose 10 (ten) video-recorded homilies, available at different religious websites, and transcribed these homilies. The categories of analysis allowed us to proceed with the description and characterization of the Homilies, describing them as genres. From this analysis, we were able to inventory their configurations regarding the compositional structure, the thematic content, the socio-communicative function, the characteristics of the linguistic surface and the conditions of production.

KEYWORDS: Text genres. Oral genres. Homily.

1. Introdução

Há algum tempo, os gêneros textuais têm provocado o interesse dos estudiosos da linguagem e estão se tornando um tema frequente não só nos encontros científicos mais

* Professora Doutora Do Departamento de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro e membro do Grupo de Pesquisa sobre Texto e Discurso do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia – PETEDI.

importantes, como também nas pesquisas contemporâneas em linguística. Esses trabalhos têm sido feitos a partir de inúmeras teorias, com ênfase em diferentes aspectos dos gêneros, mas, na sua maioria, dizem respeito aos textos escritos. Pouco tem sido feito com os gêneros orais, especialmente, pelas dificuldades de constituição do *corpus* para as análises.

Neste trabalho, dedicar-nos-emos a investigar um gênero oral, a homilia, que circula em uma das esferas da atividade humana – a religiosa Católica Apostólica Romana, como parte integrante da Liturgia, na Igreja, com vistas a conceituá-lo e caracterizá-lo, a partir dos aspectos constitutivos do gênero, propostos por Bakhtin (2003), e constitutivos da fala, como modalidade de funcionamento da língua, especialmente de acordo com Marcuschi e Dionísio (2007) e Travaglia ([2003]/2007)

Nas diferentes esferas de atividade humana, segundo Bakhtin (2003), a língua, que se realiza por meio de enunciados, é utilizada também de diferentes formas. Para ele,

esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos - conteúdo temático, estilo e construção composicional - estão indissolúvelmente ligados no *todo* do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. (BAKHTIN, 2003, p. 262)

Assim, essas esferas de atividade humana criam seus “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003, pág. 262), denominados gêneros do discurso. Mesmo que seja possível que essas esferas da atividade humana ou, de acordo com Swales (1990), essas comunidades discursivas, se utilizem de gêneros compartilhados com outras comunidades, geralmente elaboram um conjunto de gêneros de seu uso específico, os quais, conforme já mencionado, refletem a especificidade de cada uma.

O objetivo deste estudo é, então, investigar um gênero específico da comunidade discursiva da Igreja Católica Apostólica Romana, a homilia, para caracterizá-lo enquanto tal, tendo em vista que esse constitui um gênero de um conjunto criado por uma comunidade discursiva pouco estudada.

Para realizar a caracterização do gênero homilia, adotamos o quadro teórico da Linguística Textual e, ainda, obras produzidas por membros da comunidade discursiva Católica Apostólica Romana, que tratam da homilia, enquanto rotina da comunidade, regulamentando-a, explicando-a, dentre outros, do ponto de vista religioso.

Para constituir o *corpus* dessa investigação, escolhemos aleatoriamente 10 (dez) homilias gravadas em vídeo (**Quadro 1**), disponíveis em diferentes *sites* religiosos, e procedemos à transcrição dessas homilias, conforme normas de transcrição estabelecidas pelo PETEDI.

Quadro 1

Ref.	Data	Quem fez	Local	Tempo Litúrgico	Duração
H1	14/04/2013	Pe. Beto	Paróquia de Santo Antônio/ Bauru-SP	3º Domingo da Páscoa	18:35
H2	09/02/2014	Pe. Floriani	Paróquia Nossa Senhora Aparecida/ Moema-SP	5º Domingo do Tempo Comum	16:05
H3	16/02/2014	Pe. Jair	Paróquia Nossa Senhora Aparecida/ Moema-SP	7º Domingo do Tempo Comum	12:58
H4	01/06/2014	Pe. Ederaldo	Paróquia Nossa Senhora Aparecida/ Moema-SP	Ascensão do Senhor	15:35
H5	08/06/2014	Pe. Álvaro	Paróquia Nossa Senhora Aparecida/ Moema-SP	Dia de Pentecostes	13:22
H6	02/03/2015	Pe. Adriano Zandoná	Catedral Maronita Nossa Senhora do Líbano/ São Paulo-SP	2ª semana da Quaresma	41:06
H7	03/05/2015	Pe. Rosivaldo Motta	Santuário do Bom Jesus da Lapa/Bom Jesus da Lapa-BA	5º Domingo da Páscoa	18:10
H8	10/11/2015	Pe. Reginaldo Manzotti	Santuário Nossa Senhora de Guadalupe/Curitiba-PR	32ª Semana do Tempo Comum	14:54
H9	14/02/2016	Pe. Júlio Lancellotti	Igreja São Miguel Arcanjo/ São Paulo- SP	1º Domingo da Quaresma	18:56
H10	09/04/2016	Frei Petrônio	Paróquia Nossa Senhora da Conceição/ Angra dos Reis- RJ	3º Domingo da Páscoa	7:32

Além disso, como membro dessa comunidade, católica praticante, passamos a observar atentamente os elementos constitutivos da configuração da homilia, em cada missa de que participávamos.

De posse desses dados, passamos à sua análise, a partir das transcrições, das gravações em vídeo e das anotações sobre as nossas observações da homilia, nas missas de que participamos, para caracterizá-la e descrevê-la.

2. Os gêneros: definição e caracterização

Muitos têm sido os estudos sobre os gêneros textuais que procuram identificá-los, conhecê-los e classificá-los. A própria Linguística textual sempre assumiu como uma de suas tarefas “diferenciar as várias espécies de textos” (FÁVERO; KOCH, 1983, p. 14). Atualmente devido à quantidade de investigações sobre o tema, muitas são as terminologias, teorias e posições em relação à questão.

Uma das teorias que mais tem sido referida em relação ao reconhecimento dos gêneros e para a elaboração de quadros tipológicos é a de Bakhtin (2003). Para Bakhtin (2003, p. 262), conforme já apontamos, os gêneros do discurso, como ele os denomina, são “tipos relativamente estáveis de enunciados” que emanam de uma ou de outra esfera da atividade humana e nos quais se encontram indissolúvelmente ligados o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional.

De acordo com Dolz e Schneuwly (2004), os textos empíricos que os membros de uma comunidade cultural usam durante a sua vida, como um diálogo para pedir informações num guichê ou numa entrevista profissional, são reconhecidos por esses membros que a eles ajustam suas próprias produções. Esses textos, portanto, são reconhecidos como pertencentes a um gênero. Assim, de acordo com os autores, os gêneros constituem megainstrumentos que fundam a possibilidade de comunicação, o que justificam explicando que, em toda ação humana, usa-se um instrumento, ou um conjunto de instrumentos, para agir, como um garfo para comer ou uma serra para derrubar uma árvore, e a “ação de falar realiza-se com a ajuda de um gênero, que é um instrumento para agir linguisticamente” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 143).

Também Travaglia ([2003]/2007, p. 97; 2009) realizou um trabalho de identificação de elementos tipológicos fundamentais, que, segundo ele, entrariam na composição de praticamente todos os textos existentes em nossa cultura aos quais chamou de **tipos**,

contrapondo a outras naturezas das categorias de texto¹. Com esse trabalho, o autor descobriu fatos sobre tipologização que apontam a necessidade e a validade de se distinguir quatro naturezas distintas (que ele chamou de **tipelementos**) para as categorias de texto, o que evitaria problemas e mal entendidos, tanto no estabelecimento de tipologias e de sua interrelação, como na classificação tipológica de textos e, ainda, na relação que se poderia estabelecer entre diferentes classificações que um mesmo texto pode receber. Assim, o autor propôs uma teoria em que identificou essas quatro naturezas para as categorias de texto, designadas pelos termos **tipo/subtipo**, **gênero** e **espécie** e criou o termo **tipelementos**, conforme já apontamos, para ser um termo genérico que designasse essas quatro naturezas. Para Travaglia (2004), uma categoria de texto designa qualquer classificação que uma sociedade e cultura dê a um texto, tipologizando-o.

Assim, de acordo com o autor, o **tipo** pode ser identificado e caracterizado por instaurar um modo de interação, uma maneira de interlocução, segundo diferentes perspectivas que podem variar constituindo critérios para o estabelecimento de tipologias diferentes. O **subtipo** é uma variação do tipo que, apesar de manter as características básicas, apresenta traços que o distinguem de outro subtipo. Por outro lado, a **espécie** se define e se caracteriza apenas “por aspectos formais de estrutura (inclusive superestrutura) e da superfície linguística e/ou por aspectos de conteúdo” (TRAVAGLIA, 2007a, p.106), enquanto que o **gênero** se caracteriza por desempenhar uma função sociocomunicativa específica.

Para Travaglia (2007a), são necessários alguns **parâmetros e critérios** para que se possa proceder à **caracterização das categorias de texto**, principalmente dos gêneros, quais sejam: a) **o conteúdo temático**, o que pode ser dito em uma categoria de texto; b) **a estrutura composicional**, que se refere à superestrutura, a características relativas à disposição de elementos no texto, a elementos de versificação, a sua composição por tipos e espécies, à dimensão dos textos, à linguagem, dentre outros; c) **os objetivos ou função sociocomunicativa** que o gênero desempenha, na nossa sociedade e cultura; d) **as características da superfície linguística do texto**, características da sequência linguística que podem se referir a qualquer plano da língua – fonológico, morfológico, sintático,

¹ O termo **categoria de texto** identifica uma classe de textos que têm uma dada caracterização, isto é, um conjunto de características comuns em termos de conteúdo, estrutura composicional, estilo (características linguísticas), funções/objetivos, condições de produção, mas distintas das características de outras categorias de texto, o que permite diferenciá-las. (TRAVAGLIA, 2004, p. 147)

semântico, pragmático; e e) **as condições de produção**, em que se inclui e observa: quem produz, para quem, quando, onde (geralmente um quadro institucional), o suporte, o serviço, dentre outros.

Considerando, então, a noção de gênero segundo Bakhtin (2003), passaremos, a seguir, a tratar da conceituação dos gêneros orais e de suas configurações, para, posteriormente, proceder à definição e caracterização do gênero homilia.

2.1 Os gêneros orais

Esses instrumentos para agir linguisticamente – os gêneros - podem se realizar por meio da modalidade escrita (gêneros escritos) ou da modalidade oral (gêneros orais).

Os gêneros escritos têm sido amplamente estudados há algum tempo, mas os estudos e pesquisas sobre os gêneros orais são mais recentes. Entretanto, esses estudos têm possibilitado o levantamento de alguns aspectos referentes aos gêneros orais.

De acordo com Travaglia et al (2013), conforme apontado em seu capítulo, não é suficiente que um texto seja lido em voz alta para ser um gênero oral, mas é preciso que, além de ter a voz humana como suporte, que tenha sido produzido por determinada comunidade para ter uma realização oral.

Segundo Marcuschi e Dionísio (2007, p. 68), “não se pode confundir oralização com oralidade”.

Assim, como textos que têm uma realização oral, os gêneros orais possuem características da língua falada. Para os autores,

a língua falada é a produção lingüística sonora dialogada ou monologada em situação natural, realizada livremente e em tempo real, em contextos e situações comunicativas autênticos, formais ou informais, em condições de proximidade física ou por meios eletrônicos tais como rádio, televisão, telefone e semelhantes. (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p. 71)

Além disso, é preciso apontar que não se trata de ver a fala como um simples “código oral” que codifica uma língua que estaria previamente pronta, mas de concebê-la, como uma forma de ação, como uma maneira de produzir sentidos, reconhecendo-a como “um sistema não-autônomo (não significa por si mesma nem é transparente), indeterminado (tanto sintática

como semanticamente) e sempre situado (os sentidos são efeitos e não algo imanente às formas)” (MARCUSCHI, 2002b, p. 9). E, ainda, compreendê-la

como uma atividade de textualização e em suas características dinâmicas. A fala é um modo de produzir textos ou discursos reais, que envolve estratégias típicas do ponto de vista da formulação. (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p. 70-71)

Dessa forma, segundo os autores, para caracterizar a fala é preciso levar em conta que o que a define enquanto tal são as atividades tipicamente desenvolvidas nos processos de textualização, as quais os autores chamam de “procedimentos de formulação textual da fala” (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p. 74). Além disso, é preciso lembrar que a fala constitui um modo de produção textual interativa, que envolve cooperação e envolvimento direto dos interlocutores e, por isso, os processos e atividades que a constituem devem ser abordados levando isso em consideração.

Esses “procedimentos de formulação textual da fala” provavelmente estarão presentes nas configurações dos gêneros orais e dizem respeito a aspectos importantes na abordagem da fala, tais como o tempo e o espaço. Em relação ao tempo, de acordo com Marcuschi e Dionísio (2007), a fala, constituindo uma produção em tempo real, faz com que recursos tais como a gestualidade, a mímica, os olhares e o movimento do corpo sejam muito importantes para os efeitos de sentido. Além desses, os autores apontam também como significativa a qualidade da voz – entoação, tom, velocidade, dentre outros, na formulação textual da fala.

Também segundo Dolz e Schneuwly (2004), a oralidade constitui um campo que envolve, além dos aspectos lingüísticos, esses elementos prosódicos, a gestualidade, os movimentos faciais e os olhares e afirmam que “a comunicação oral não se esgota somente na utilização de meios lingüísticos ou prosódicos; vai utilizar também signos de sistemas semióticos não lingüísticos” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 134). Nesse sentido, Marcuschi e Dionísio (2007) afirma que

Quando falamos, usamos não só a voz mas também o corpo, pois fazemos gestos, meneios de cabeça, entoações que podem sinalizar uma pergunta, uma crítica, um elogio, por exemplo. Se uma amiga me pergunta se eu gostei do novo corte de cabelo dela e eu respondo: lindo. Se digo a palavra *lindo* com *um sorriso no canto da boca ou balançando negativamente a cabeça*, certamente a minha opinião não será um elogio, e sim uma crítica, uma vez que palavra e gestos funcionam juntos na construção de sentido do meu enunciado. Isso significa dizer que a fala é multimodal, visto que se realiza através de recursos verbais (a palavra *lindo*) e recursos visuais (um sorriso

no canto da boca, balançando relativamente a cabeça). Ou seja, dois modos de construção da informação foram envolvidos nesse ato de fala. (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p. 178)

Marcuschi e Dionísio (2007, p. 181-182) afirmam que, nas conversas espontâneas que construímos cotidianamente, há uma enorme mistura do verbal e do não verbal. Segundo eles, os recursos não verbais, como expressões faciais, determinadas entoações, um sorriso, um olhar ou um movimento da cabeça, colaboram com a construção do sentido do enunciado lingüístico que está sendo proferido e até mesmo podem substituir um enunciado lingüístico, numa interação face a face.

Steinberg (1988, p. 3 apud MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p. 181) classifica os recursos não-verbais que geralmente são utilizados pelos falantes de uma determinada língua numa conversa em a) paralinguagem: sons emitidos pelo aparelho fonador, mas que não fazem parte do sistema sonoro da língua usada, ou seja, todos os sons e ruídos não lingüísticos, tais como assobios e sons onomatopaicos; b) cinésica: movimentos do corpo como gestos, postura, expressão facial, olhar e riso; c) proxêmica: a distância mantida entre os interlocutores; d) tacêsica: o uso de toques durante a interação; e e) silêncio: a ausência de construções lingüísticas e de recursos da paralinguagem. Para o autor,

os atos paralingüísticos e cinésicos desempenham funções variadas no curso da interação e, de acordo com essas funções, podem ser classificados como *lexicais* (episódios não-verbais com significado próprio, como “Shhh” para indicar “fique quieto”), *descritivos* (“suplementam o significado do diálogo através dos ouvidos e dos olhos”), *reforçadores* (“reforçam ou enfatizam o ato verbal”), *embelezadores* (movimenta-se o corpo todo para realçar a fala) e *acidentais* (aqueles que ocorrem por acaso, sem uma função semântica) (STEINBERG, 1988, p. 7-8 apud MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p. 182).

Dessa forma, de acordo com o autor, a interação verbal estrutura-se em uma estrutura tríplice - linguagem, paralinguagem e cinésica -, o que exige daqueles que se propõem a analisar a oralidade uma postura interdisciplinar, tendo em vista que esses elementos estruturam a sociedade, ao mesmo tempo em que são estruturados por ela.

Assim, podemos afirmar que, se consideramos um gênero como multimodal, entendemos que todas as construções presentes nele colaboram para a construção de sentidos. E como, segundo Marcuschi; Dionísio (2007, p. 178), a principal marca da multimodalidade é a construção de sentido a partir da interação entre diferentes modos de construção da informação, os gêneros orais são multimodais, tendo em vista o que já foi dito sobre a oralidade.

Dolz e Schneuwly (2004, p. 134) vão além da simples presença de mais de um modo de construção da informação na comunicação oral. Para eles, os movimentos da face, posturas, gestos, movimentos do corpo, durante a interação comunicativa muitas vezes confirmam, invalidam ou mesmo substituem a codificação lingüística.

Segundo os autores, “tomar a palavra está em relação íntima com o corpo” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 133). Para eles, o corpo revela as emoções do locutor, quando deixa escapar sinais involuntários dessa emoção, como aceleração do ritmo cardíaco, enrubescimento da face, estrangulamento da voz. Acreditam que a posição do corpo, a respiração e a atitude corporal também podem ser colocados a serviço da comunicação oral.

Na verdade, o que ocorre numa produção oral é um sistema de múltiplos níveis de atuação.

Passemos agora, a tratar do gênero homilia. Inicialmente, procederemos a uma explicação sobre o gênero, a partir de textos publicados sobre o assunto, por autores da comunidade discursiva da Igreja Católica Apostólica Romana, do ponto de vista religioso. Em seguida, passaremos a sua caracterização enquanto um gênero do discurso.

3. A Homilia

Ferreira (1986) define a homilia como "pregação em estilo familiar e quase coloquial sobre o evangelho" (FERREIRA, 1986, p. 904).

Entretanto, de acordo com a Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* – sobre a Sagrada Liturgia, do Papa Paulo VI, a homilia é mais do que isso, “é a exposição dos mistérios da fé e das normas da vida cristã no decurso do ano litúrgico e a partir do texto sagrado” (*Sacrosanctum Concilium*, nn.52).

O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do evangelho no mundo atual, apresenta uma abordagem muito mais profunda e esclarecedora da homilia, afirmando que ela constitui

o momento mais alto do diálogo entre Deus e o seu povo, antes da comunhão sacramental. A homilia é um retomar este diálogo que já está estabelecido entre o Senhor e o seu povo. Aquele que prega deve conhecer o coração da sua comunidade para identificar onde está vivo e ardente o desejo de Deus e também onde é que este diálogo de amor foi sufocado ou não pôde dar fruto. (Papa Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, nn.137)

Segundo o Pontífice, esse diálogo não é a comunicação de uma verdade, mas de um bem concreto – que não são coisas, mas as próprias pessoas que mutuamente se dão no diálogo – e se realiza pelo prazer de falar. O pregador deve ter tido a sua vida tocada pela Palavra de Deus, ter sido interpelado, exortado e mobilizado pela Palavra de Deus. O que ele transmite é uma mensagem de salvação que muda de alguma forma a existência humana e, em primeiro lugar, muda a existência do próprio pregador. O que ele anuncia é uma realidade da qual ele é o primeiro beneficiário; a esperança que ele prega iluminou e transformou sua própria vida, a qual deve mostrar que o Evangelho é capaz de transformar a existência humana. Assim, a pregação deve ser ao mesmo tempo um serviço e um testemunho.

O pregador deve, ainda, escutar os fiéis, para saber o que eles precisam ouvir, “prestando atenção ao povo *concreto* com os seus sinais e símbolos e respondendo aos problemas que apresenta” (Papa Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, 137); tem que relacionar a mensagem do texto bíblico com uma situação humana, com algo que as pessoas vivem, com uma experiência que precisa da luz da Palavra. Entretanto, segundo o Chefe da Igreja Católica, essa preocupação não pode ter origem em uma atitude oportunista ou diplomática, mas constituir uma atitude profundamente religiosa e pastoral, refletindo o que o Senhor teria a dizer nessa situação. Portanto, o Pontífice orienta todos os membros do clero que fazem as homilias que se preparem bem, que pensem no que e em como falar, ao pregar a Palavra de Deus ao Seu povo.

Segundo Peri (2014, p. 18), “a homilia tem uma natureza sacramental que por motivo algum pode ser comprometida”. E, ainda, afirma que é de competência da homilia “transmitir a riqueza espiritual das leituras às quais deve necessariamente se referir”.

Vários são os documentos da Igreja que fazem referência à homilia, para definir sua função, regulamentar a sua realização ou orientar aqueles que irão fazê-la. No *Ordo Lectionum Missae*, promulgado em 25 de maio de 1969, a pedido do Papa Paulo VI, a fim de oferecer às Conferências Episcopais as indicações para as leituras bíblicas individuais na celebração da missa, afirma-se que

quem preside à celebração desenvolve uma tarefa que lhe é própria e exerce o ministério da Palavra de Deus também quando faz a homilia. Com ela, efetivamente, ele guia os irmãos para entender e saborear a sagrada Escritura e abre o coração dos fiéis para dar graças pelos fatos admiráveis realizados por Deus; alimenta a fé dos presentes pela palavra que, na celebração, sob a ação do Espírito Santo, torna-se sacramento; prepara-os, enfim, para uma frutuosa comunhão e os exorta a assumir os compromissos da vida cristã. (*Ordo Lectionum Missae*, p. 15.)

Percebe-se, assim, que a homilia não é um discurso sobre Deus, mas constitui uma mensagem que Ele envia a seu povo. Esse é o tipo de informação que pode e deve aparecer no texto, constituindo um dos parâmetros propostos por Travaglia (2007a), o conteúdo temático do gênero.

Na verdade, é Ele quem fala: “Cristo está presente em sua Palavra, eis que é ele quem fala, quando na Igreja é lida a Sagrada Escritura” (Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, nn. 7). Essa presença especial de Cristo, que dá uma eficácia espiritual à homilia e que supera a habilidade da oratória do ministro, é possível apenas se pregada por um ministro sagrado, agindo como representante de Cristo, com entusiasmo e vibração; a ação persuasiva do pregador, sua própria certeza contagiante, que chama os fiéis a viverem segundo os ensinamentos do próprio Cristo. Esse aspecto da homilia refere-se às condições de produção, outro parâmetro proposto por Travaglia (2007a), para caracterização dos gêneros de texto.

Também constitui um elemento das condições de produção o fato de que a homilia, na estrutura da Santa Missa, segue a leitura do texto do evangelho. Esse texto é definido pela Igreja, num esquema tradicional de distribuição dos textos dos evangelhos em três anos (Anos A, B e C). No chamado ano A, as leituras são do Evangelho de Mateus; no ano B, as leituras são do Evangelho de Marcos; e, no ano C, as leituras são do Evangelho de Lucas. Geralmente, o Evangelho de João, o mais teológico e elaborado de todos, é lido nas celebrações especiais, como na Páscoa. Assim, o mesmo texto do evangelho que é lido no Brasil, na liturgia de um determinado dia do ano, é lido também na liturgia daquele dia, em qualquer lugar do mundo. Nos dias da semana do Tempo Comum², há leituras diferentes para os anos pares e para os anos ímpares, tirando o Evangelho, que se repete de ano a ano.

Esse texto do evangelho da Liturgia diária serve de base para que o ministro faça a homilia, em que ele deve estabelecer relação dos assuntos tratados nos textos bíblicos com a realidade social de seu tempo e de sua comunidade, aplicando as Palavras da Sagrada Escritura à vida cotidiana, para que daí se possam extrair ensinamentos, reflexões, normas de conduta, dentre outros.

Tendo em vista todas essas considerações, passamos a utilizar os critérios e parâmetros propostos por Travaglia (2007a), para prosseguir com a caracterização do gênero homilia, do ponto de vista lingüístico, observando sua organização, características, os papéis

² O ano Litúrgico, na Igreja Católica, é dividido em ciclos: o Ciclo da Páscoa, do Natal, do Tempo Comum e Santoral.

dos participantes dessa comunicação oral, assim como as partes que o constituem. Os elementos característicos, apresentados na exemplificação, serão destacados em negrito.

Em relação à **estrutura composicional**, observamos que o gênero apresenta uma superestrutura padrão. Assim que termina a leitura do Evangelho, o celebrante desloca-se do ambão³ para a frente do altar, colocando-se mais próximo dos fiéis. Na maioria das vezes, o celebrante desce para os corredores entre os bancos da Igreja, por onde caminha, movimentando-se durante a homilia. Esse movimento perto dos fiéis confere mais proximidade entre os interlocutores e dá um tom menos formal à homilia. Voltaremos a esse movimento, ao tratarmos das características da superfície linguística e das condições de produção do gênero.

Enquanto faz esse deslocamento, o celebrante faz uma saudação à assembléia, conforme se pode observar nos exemplos (01) e (02).

(01) BOM dia novamente (H4)

(02) queridos irmãos... queridas irmãs... **BOM dia (H1)**

Em seguida, ainda no que se refere à superestrutura, o celebrante faz uma introdução, na qual ele apresenta o tema do evangelho do dia, a partir do qual vai construir a sua pregação. Os exemplos (03) e (04) ilustram isso.

(03) as tentações de Jesus... melhor do que tentação porque tentação prá nós parece coisa ruim né? a palavra correta aqui seria seduções... como é que o diabo queria seduzir Jesus e como é que ele quer nos seduzir também... então são as seduções (H9)

(04) hoje o evangelho traz aqui prá nós Jesus dizendo que ele é o tronco de uma árvore que dá frutos... ele faz uma analogia... ele faz uma simbologia dizendo que ele é o tronco e nós somos os galhos e o pai Deus é aquele que colhe que recolhe os frutos... o resultado do nosso trabalho... o nosso testemunho de vida (H9)

Esse tema é desenvolvido numa segunda parte, em que o pregador busca despertar atitudes, procedendo a uma atualização da mensagem da Sagrada Escritura, de tal modo que os fiéis sejam levados a descobrir a presença e eficácia da Palavra de Deus no momento atual da sua vida. Vejamos os exemplos (05) e (06).

(05) hoje neste terceiro domingo do advento o Senhor nos chama para a alegria [...] a alegria que ultrapassa o ter... a alegria que ultrapassa os bens... a alegria que

³ Também conhecido como Mesa da Palavra, o ambão é um suporte onde se apóia a Bíblia ou outro material, a partir do qual serão realizadas as leituras, durante a missa.

ultrapassa o prazer... mas a alegria que vem de Deus... e aqui cito mais exemplos dos primeiros cristãos... dizem que quando aqueles cristãos foram presos e colocaram lá para serem devorados na Roma antiga pelos leões dizem que tinha alguns cristãos que começaram a rir antes de serem devorados... e eu estive lá há pouco tempo lá neste local em Roma... e os soldados falavam “mas eles são loucos... vão ser devorados e estão rindo”... é porque para eles nem a morte conseguia tirar a alegria deles... nem a morte consegue tirar a alegria de um cristão heim caros irmãos e irmãs... nós conhecemos tantas pessoas num é?... sejam os mendigos que moram aqui na Lapa seja aquele nosso parente ou amigo que está no leito de dor ou na UTI e às vezes nós vamos visitar e saímos confortados... são pessoas que estão entre a vida e a morte a exemplo dos primeiros cristãos mas transmitem alegria... então a Igreja nos chama hoje a entrar nesse espírito para recebermos o menino Deus que vem (H10)

- (06) a Igreja não é em primeiro lugar instituição... Igreja não é em primeiro lugar essa construção aqui... Igreja... Eclésia... é quando duas ou mais pessoas estão reunidas e vivem em comunhão... em sintonia... então vamos pedir perdão a Deus por muitas vezes não vivermos como Igreja no mundo... queridos irmãos e irmãs essa aparição de Jesus que João nos narra é uma aparição muito significativa... em primeiro lugar todas as aparições são significativas porque são a expressão do Cristo ressuscitado ou seja a prova de que a morte não é o fim [...] e hoje nessa aparição nós temos a essência do que é Igreja... porque Igreja não é estar aqui numa estrutura paroquial mas ser Igreja é ser Igreja no mundo... na sociedade... em todos os lugares onde estivermos [...] ser Igreja em primeiro lugar é se reunir... Eclésia é uma reunião mas uma reunião de quê? Eclésia... Igreja... ela surge quando duas pessoas ou mais estiverem reunidas e estão em comunhão (H1)

Depois do desenvolvimento do tema, o padre faz uma conclusão, em que se preocupa, sempre, em reforçar a ligação entre a Escritura e a vida prática, exortando os fiéis para o crescimento e a perseverança no seguimento de Jesus Cristo. Os exemplos (07) e (08) ilustram isso.

- (07) então que cada um aqui viva nos seus ambientes a comunhão... a Eclésia...** isso é maravilhoso quando eu posso ver isso e não há ninguém que seja tão pobre que num possa partilhar e não há ninguém que seja tão rico que num possa receber... nós estamos sempre recebendo e sempre dando e é dando que a gente recebe mais num é? **então não se esqueçam disso... que ser Igreja é simples... não se esqueçam a imagem do jovem ajudando a idosa na avenida... isso é Igreja... que cada um aqui seja Igreja em qualquer ambiente que estiver** (H1)
- (08) **quando você fizer uma coisa e não tiver um elogio e ninguém dizendo obrigada... se alegre... lembre de Jesus... quando você fizer qualquer coisa e até receber um resmungão... se alegre... por quê? porque o teu Pai que está no céu viu e a recompensa ficará por conta dele... palavras de JESUS... então quando você fizer qualquer coisa e ninguém dizer nada no fundo cê fala obrigado porque meu Pai viu e essa recompensa ficará por conta Dele... sorrir... amar... fazer o bem na gratuidade... amém** (H8)

Ainda em relação à estrutura composicional, verificamos que, nas homilias, há uma conjugação dos tipos descritivo, narrativo e argumentativo "stricto sensu", na forma proposta por Travaglia (2007a), com predomínio do tipo injuntivo, em que se objetiva dizer o quê e como fazer, incitando o interlocutor à realização de uma ação requerida. Apesar de não termos identificado, em nenhum dos textos o elenco ou descrição, pudemos observar a presença da determinação ou incitação - a injunção propriamente dita - que aparece, na maioria das vezes, ao final, além da justificativa - em que se apresentam razões para a realização da ação requerida - que aparece geralmente ao longo do corpo dos textos. No exemplo (09), temos uma descrição utilizada como um recurso que contribui com a incitação dos fiéis para viverem em comunhão; o mesmo ocorre no exemplo (10), em que temos uma sequência narrativa cujo conteúdo temático serve como referência para o pregador dizer aos fiéis como eles devem agir.

(09) hoje nessa aparição nós temos a essência do que é Igreja porque Igreja não é estar aqui numa estrutura paroquial mas ser Igreja é ser Igreja no mundo... na sociedade... em todos os lugares onde estivermos [...] ser Igreja em primeiro lugar é se reunir... Eclésia é uma reunião mas uma reunião de quê?... Eclésia... Igreja... ela surge quando duas pessoas ou mais estiverem reunidas e estão em comunhão (H1)

(10) Aconteceu comigo uma vez to eu prá fazer um casamento... deu dez minutos... 20 minutos... 30 minutos... e eu ali... 40 minutos... tudo muito lindo... eu falei gente... a noiva lá... o noivo que suava... as madrinha... já caída... as maquiagem... parecia uma valeta de suor e:h VERDADE... diga que num é ASSIM... bota tudo massa corrida que depois não pode suá... e eu falei escuta... vai lá dizê prá noiva entrá PELO AMOR DE DEUS... “NÃ:::O... ela num vai entrá porque o buquê dela num chegou... uma hora... até o buquê chegar... nunca vou me esquecer disso... Tu::do maravilhoso mas se frustrou porque o BUQUÊ... não que ela não tivesse ela queria o outro... cês riram?... mas eu contei um fato até pitoresco porque... cuidar das expectativas... (H8)

Pode-se observar, nas homilias, uma sequência com uma lista de motivos que justificam o desejo do pregador, construindo uma argumentação. No exemplo (11), o desejo é que os fiéis passem a servir gratuitamente, sem esperar nada em troca, segundo as palavras de Jesus, em todos os momentos de sua vida, e, para conseguir isso, o Padre Reginaldo constrói uma argumentação. Verifica-se o mesmo procedimento, no exemplo (12), em que Frei Petrônio conclama as pessoas presentes a serem alegres, porque o Senhor nos chama para a alegria.

(11) eu contei um fato até pitoresco porque... cuidar das expectativas... a gente sempre faz esperando... você ama esperando... você faz a caridade esperando... você serve na Igreja esperando... você trabalha esperando... você dá um quilo de alimento esperando... você dá um panetone no Natal esperando... você cria os filhos esperando um retorno... cria os filhos esperando amor... você cria os netos esperando reconhecimento... você tá depositando sua felicidade no OUTRO... FRUSTRA você... cê se FRUSTRA [...] fiz todo esse panegírico prá dizer se colocar a serviço de Deus... trabalhar para Deus... se colocar e dizer Deus, eu tô aqui.. não sou maior que a tua mensagem... Deus eu tô aqui... num peço nada...vou fazer... (H8)

(12) a Igreja nos chama hoje a entrar nesse espírito para recebermos o menino Deus que vem... sermos alegres... então que esta mensagem deste domingo nos ajude a ter GOSTO pela vida... há muitas pessoas tristes... desanimadas... com a cara feia... a gente olha tem medo... faz o nome do Pai, filho divino Espírito Santo... arreda... vai para o outro lado... NÃO... Nós viemos na Igreja nos encontrar com Jesus... se nós temos Deus somos pessoas alegres... [...] então quem tem Deus está alegre não sai sorrindo por aí mas transmite a esperança... quem tem Deus transmite a esperança... por último lembro-me do Papa Francisco... ele chamou um documento que chama “Evangelii Gaudium” a alegria do evangelho... ele diz que quem tem Deus quem ama Deus quem anuncia Deus quem encontrou Jesus... transmite alegria (H10)

Geralmente as homilias possuem uma doxologia adicional na conclusão, as quais são doxologias formais a Deus, como podemos ver nos exemplos (13) e (14).

(13) Louvado seja o Nosso Senhor Jesus Cristo (H4)

(14) Vamos professar a nossa fé neste **Deus que nos chama à verdadeira vida** (H1)

Quanto ao **conteúdo temático**, os temas das homilias acompanham o ciclo litúrgico anual, para além de outros que surgem nos domingos comuns, aqueles em que não se celebra nenhuma festa. Mas, nesse gênero, o que importa como informação é o que o celebrante deseja que seja feito e como ele recomenda que seja feito, relacionando a mensagem do texto bíblico do dia com uma situação humana, com algo que as pessoas vivem, com uma experiência que precisa da luz da Palavra, refletindo o que o Senhor teria a dizer nessa situação e, assim, indicar aos fiéis o que se espera que eles façam nesse caso. Nesse sentido, figuram como conteúdo, nesses textos, ensinamentos, reflexões, normas de conduta, dentre outros, de acordo com os exemplos (15), em que se pretende “ensinar” o que é viver em comunhão; (16), no qual se procede a uma reflexão sobre o que seria uma sociedade que não é egoísta, em que as pessoas se preocupam, cuidam e se colocam no lugar dos mais necessitados; e (17), em que se aponta a necessidade de os fiéis, a exemplo de Cristo, viverem

com a coerência entre o discurso e a prática, dando seu testemunho acerca daquilo que falam que deve ser feito.

- (15) Lembrem-se daquela expressão “quando duas ou mais pessoas estiverem reunidas em meu nome... eu estarei no meio delas”... é uma expressão do Cristo... aqui tá a definição do que é Eclésia... do que é Igreja...quando duas ou mais pessoas estiverem reunidas em nome do Cristo o quê que é?... não é somente dizer nos estamos aqui em nome de Jesus Cristo... não é isso... há muitas pessoas que dizem nós estamos aqui em nome de Jesus Cristo mas na verdade não estão vivendo o que é Igreja... o que é Eclésia... viver o que é Eclésia... o que é Igreja... é comunhão... é realmente comunhão... é estar em comunhão com as pessoas [...] (H1)
- (16) então... a globalização da indiferença faz com que cada um pense no que é bom pra SI... Imagine se nós somos uma cidade que diz o que é o melhor pros que mais sofrem?... como é que tem que ser uma cidade voltada pros mais sofridos?...para os que não têm onde morar?... pros que não têm o que comer?... pros que estão DO-En-TEs? (H9)
- (17) somos chamados a ser testemunha né?...e neste quesito de testemunha como é que você vai falar pros outros da esperança que a nossa fé em Cristo alimenta se você tá c’ a cara amarrada?...né?... se você tá p da vida?... vamo colocá nesses termos... como é que você vai falar da esperança se você mesmo não acredita nela?... como é se você mesmo não acredita... não defende e não FAZ justiça?...percebe?... por isso que Jesus tinha autoridade... porque aquilo que Ele falava... aquilo que Ele ensinava para os outros... era aquilo que Ele fazia... Ele dava TESTEMUNHO DE VIDA... [...] então um princípio muito importante pra gente prestá atenção na nossa vida... (H4)

No que se refere à **função sociocomunicativa**, as homilias, como textos predominantemente injuntivos que são, pretendem dizer a ação requerida/desejada; dizer o que e o como fazer, incitando o interlocutor à realização da situação, conforme proposto por Travaglia (2007a). Nesse sentido, a função da homilia tem caráter evangelizador e pastoral, porque a homilia deve ser um "lugar" espiritual que favoreça o encontro com Jesus, para que a fé que os fiéis confessam pelo coração e nos lábios, seja testemunhada pela vida e nos costumes. Portanto, a homilia constitui uma resposta às questões: o que diz o texto bíblico em si?; o que nos diz o texto bíblico?; o que dizemos ao Senhor em resposta à Sua Palavra?; qual é a conversão que o Senhor nos pede?; como chegar, então, à ação?; conforme nos mostram, respectivamente, os exemplos (18), (19), (20), (21) e (22), extraídos da homilia do Padre Reginaldo Manzotti.

- (18) o evangelho de hoje nos fala de algo que parece um tanto ingrato... Jesus dizendo se tem um empregado que passa o dia na labuta... o dia inteiro plantando colhendo... o que ele espera à tarde quando chega do campo?... que o patrão, por

acaso lhe diga venha sentar na mesa e vamos sentar juntos?... é engano... isso Jesus viu muitas vezes e nós sabemos que funciona assim...a pessoa que trabalha... mesmo ao final do dia... mesmo tendo preparado o jantar... a pessoa... vai dormir?... (H8)

(19) na verdade ... o que Jesus quer dizer... servir com gratuidade... essa é a palavra... a última palavra parece um tanto forte... servo inútil... essa questão da inutilidade... não é no sentido de desprezo...não está no sentido de que não é importante ou que... é algo que Deus não olha... nós podemos interpretar esse texto de uma forma equivocada então pra Deus eu sou um inútil... não... não é isso... pra Deus nós somos FILHOS...pra Deus nós somos importantes... e Deus conta conosco comigo e com você... mas nós não podemos nos equivocar de que nós fazemos algo esperando outro... aqui tem um erro... na maioria das vezes agimos pela lei da compensação...você vê algo e pergunta... que vantagem eu vou levar em fazer isso?... num é?... as pessoas...nós... somos chamados a fazer assim veja se vale a pena... ou aquela famosa frase "que vantagem Maria leva?... Jesus ta dizendo sirva com gra-tu-i-da-de... fazer o bem simplesmente...porque é o bem que eu estou fazendo... (H8)

(20) ajudar uma pessoa não pensando no que ela vai me retribuir... ajudar POR ajudar... daí... ao invés de "que vantagem Maria leva"... a frase seria "fazer o bem sem olhar a quem"...esse cê também conhece... fazer o BEM...filhos... essa é a lógica de Deus... Deus nos ama gratuitamente... o amor de Deus é gratuito e mesmo que nós não o amemos... ele faz chover entre o justo/na terra do justo e do injusto... Ele não faz assim (eleva os braços)... uma manga... a gente fala manga de chuva né?... uma manga de chuva nessa roça (desce os braços até o chão e aponta para o lado esquerdo)... e nessa não... chove tudo... porque Deus ama GRA-TUI-TA-MEN-TE... o servir é GRATUITO... (H8)

(21) você ajuda uma pessoa enferma livremente...você ajuda... porque ela ta PRECISANDO... você é LIVRE... então eu e você não ficamos reféns dos aplausos... a pior coisa é a gente ficar refém dos aplausos,, por que às vezes uma crítica nos provoca TANTO mal? uma crítica é ruim... mas por que às vezes ela nos fere TAO PROFUNDAMENTE? porque nós estamos vulneráveis e nos tornamos escravos da crítica ou do elogio.. [...] a liberdade de Jesus... Ele fazia por fazer... Ele amava por amar... Ele curava por curar... Ele lançava a palavra/ gente, CUIDADO... porque isso prá nós... esse servir com gratidão nos dá liberdade...a gente cobra menos... servir com gratidão a gente se frustra menos..cuidado com as frustrações...a gente cria uma expectativa muito grande... (H8)

(22) quando você fizer uma coisa e não tiver um elogio e ninguém dizendo obrigada... se alegre... lembre de Jesus... quando você fizer qualquer coisa e até receber um resmungão... se alegre... por quê? porque o teu Pai que está no céu viu e a recompensa ficará por conta dele... palavras de JESUS... então quando você fizer qualquer coisa e ninguém dizer nada no fundo cê fala obrigado porque meu Pai viu e essa recompensa ficará por conta Dele... sorrir... amar... fazer o bem na gratuidade... amém (H8)

Dessa forma, podemos afirmar que a homilia compele o ouvinte a tomar posição, provoca, estimula à conversão. Esta pregação não é sobre o reino de Deus, mas é uma proposta de revisão de vida.

O quarto parâmetro proposto por Travaglia (2007a) refere-se às **características da superfície linguística ou estilo** segundo Bakhtin (1992). Nesse aspecto, observamos que os celebrantes ajustam a linguagem à assembléia. Procuram falar com simplicidade, de forma que se façam compreender e, quando se utilizam de algum termo técnico ou que supõem não ser de conhecimento da assembléia, explicam-no em seguida, como se pode verificar nos exemplos (23) e (24).

(23) como eu disse no início... portanto na liturgia... hoje é o dia de **Pentecostes... o dia da descida do Espírito Santo sobre os apóstolos... sobre a Igreja que ta nascendo...** (H5)

(24) estejam do lado dos que sofrem... estejam do lado dos pequenos... fiquem do lado dos esquecidos... façam como a **Morenita... a Morenita é Nossa Senhora de Guadalupe...** façam como a Morenita que se identifica com os pequenos... (H9)

Enquanto se desloca do ambão para mais perto dos fiéis, o celebrante faz uma saudação à assembléia, conforme já mencionado. Nessa saudação, geralmente aparece um vocativo, como queridos/amados filhos, irmãos/irmãs, amigos e outros vocábulos dessa natureza, o que nos mostram os exemplos (25) e (26).

(25) queridos amigos e amigas aqui presente (H3)

(26) queridos filhos e filhas, amado povo de Deus (H8)

Enfatizam alguns termos que empregam, por meio da elevação do tom da voz, com o objetivo de chamar a atenção dos fiéis, reforçando a ideia que quer passar e que está propondo, conforme podemos observar no exemplo (27) e uma sintaxe exclamativa, para conseguir uma atenção efetiva dos fiéis, segundo o exemplo (28).

(27) Jesus **NUNCA** usou a sua condição divina pra convencer ninguém... **NUNCA** Jesus usou **FORÇA** nem **NENHUM ESPETÁCULO...** (H9)

(28) Gente, Deus **ESTÁ PRÓXIMO DE NÓS...DEUS É UM PAI...** mas não qualquer pai, **ELE É O PAI...**o pai que quem sabe **VOCÊ NÃO TEVE... a REFERÊNCIA QUE VOCÊ NÃO TEVE...O AMOR QUE FALTOU NA SUA VIDA...** Deus dem/tem pra te dar... **TEM TANTA GENTE QUE BUSCA NAS DROGAS...NA BEBIBA...EM RELACIONAMENTOS ERRADOS**

AQUILO QUE SÓ DEUS PODE DAR...o que te falta, filho, filha, DEUS PODE TE DAR (H6)

São muito frequentes os auxiliares de modalidade imperativa, próprias do tipo injuntivo, que revelam as orientações que o Padre passa aos fiéis, o que podemos observar em (29) e (30).

(29) se valorize cada vez mais porque Deus valoriza cada um de nós... porque Deus confiou o seu projeto de vida e de ESPERANÇA pra VOCÊ...e você **deve** começar a construir à sua volta... no seu mundo... na sua família... no seu trabalho... **AO REDOR DE SUA VIDA... ISSO É BONITO...** (H4)

(30) O verbo permanecer que Jesus nos propõe hoje é para estar com Ele em **TODOS OS MOMENTOS... NOS MOMENTOS DE CRISE NA VIDA TRAGA ELE PRA SER SEU ALIADO... SEU COMPANHEIRO...** nos momentos de uma tragédia **NÃO SE REVOLTE CONTRA ELE...peça FORÇA a Ele... peça... RESPOSTAS** (H7)

À maneira de Jesus, que pregava por meio de imagens, símbolos e parábolas, nas homilias, são empregadas muitas figuras de linguagem, conforme se pode ver em (31) e (32).

(31) se tudo que você faz... as decisões que você toma... a maneira como você vive e a maneira como isso atinge os outros ficasse gravado na sua carne... como ficaria? como é que você se sentiria?... não despreze a tua carne... **para que possa ser... SAL DA TERRA E LUZ DO MUNDO...** porque esse é o chamado que o Senhor nos faz... (H2)

(32) você ta depositando a sua felicidade no OUTRO... **FRUSTRA VOCÊ... CÊ SE FRUSTRA...** porque... por mais que a outra pessoa te ame... mas não ama do teu jeito... aí... **TUDO** que você fez... fica **o buquê da noiva...** (H8)

Em (33) e (34), observamos outra característica de estilo das homilias, que reside no emprego, em certas ocasiões, de expressões populares, para dar mais vivacidade ao discurso.

(33) os anjinhos vão te trazer até a terra e você vai fazer um sucesso... to::do mundo vai ficar feliz com você e vão saber que você é **O CARA...** (H9)

(34) ele veio e fez o papel dele... cumpriu a missão... cumpriu e (assobio) foi pro céu... **ta numa boa...** vamo dizer assim... (H4)

Verifica-se também a utilização de frases breves, concisas, com poucos adjetivos. Os exemplos (35) e (36) nos mostram isso.

(35) o amor de Deus não é mercadoria... o amor de Deus é gratuidade... NINGUÉM COMPRA... (H9)

(36) então... paremos nessa primeira parte... PODAR os galhos... nós começamos sendo podados... no início dessa missa... nós damos uma parada para o ato penitencial... (H7)

Percebe-se, na homilia, um tom familiar, alegre, simples, espontâneo e solto, conforme nos mostram o exemplo (37) e, ainda, direto e seguro, de acordo com o exemplo (38).

(37) como o exemplo que eu dei aqui semana passada do home que chegou em mim e disse... ai padre... minha mulher é tão católica e eu incentivo ela porque ela tá rezando por mim... falei... num reza não...cara de pau... procê vê onde cê vai pará... (H6)

(38) Igreja é comungar com o outro.. o que O OUTRO ESTÁ VIVENDO... e comungar REALMENTE... estendendo a mão... ISSO é que é ser Igreja... tem pessoas que vem à missa prá se promover... ora... eu vou à missa... isso é um ato social... tem missas que a gente percebe que as pessoas vão porque fulano de tal também vai... então... eu quero que ele me veja lá...não é?... Essa pessoa num tá entendendo nada do que é Eclésia... num tá entendendo absolutamente nada do que é Igreja... (H1)

Em muitas homilias, os celebrantes fazem, muitas vezes, várias perguntas sem esperar as respostas da Assembléia. Pelo contrário, eles mesmos dão as respostas, o que podemos observar em (39) e (40). São, pois, perguntas retóricas, com um papel na argumentação que se desenvolve com um papel de comunhão na argumentação, como o uso da primeira pessoa do plural, conforme já apontamos.

(39) Jesus não aceitou as tentações do Diabo... lembramos...a abundância... o prestígio e o poder... a fama... o sucesso... Jesus não quis isso... e o Diabo se retirou porque disse aqui não deu certo... **mas ele desistiu?... aí diz o quê no texto?... vai voltar no TEMPO...OPORTUNO...** (H9)

(40) que que a leitura está dizendo?... prá mim e prá você?... que que a primeira leitura...o salmo... o evangelho... que eles estão nos dizendo?... nada mais nada menos que um dos nomes de Jesus é misericórdia... que Deus é misericordioso e acolhe a miséria do nosso coração... (H6)

Observa-se, ainda, o uso adequado da voz, no que se refere à boa dicção, articulação, movimento de frases, realce de expressões-chave, sonoridade, aproveitando a tessitura aguda

ou grave do timbre, o que nos apontam os exemplos (41), em que o celebrante realça uma expressão chave para sua mensagem, e (42), em que ele altera o tom de voz, para chamar os fiéis a atenção.

(41) gente... Deus está próximo de nós... Deus é um **PAI**... mas não qualquer pai... Ele é **O PAI**... (H6)

(42) há vinte... trinta anos atrás... aqueles que são mais experientes sabem disso...**TRÊS INSTITUIÇÕES QUE MANTINHAM A NOSSA SEGURANÇA E QUE NOS AJUDAVAM NA NOSSA PODA... A IGREJA...A ESCOLA... E A FAMÍLIA...** o mundo avançou e essas **TRÊS INSTITUIÇÕES FORAM AOS POCOS SENDO DESMORALIZADAS PELA SOCIEDADE** (H7)

Há uma adequada articulação entre as características da superfície linguística da homilia e outros recursos da linguagem, tais como a expressão corporal, por meio da qual o celebrante coloca-se diante da assembléia, deslocando-se de um lado para outro, transitando por entre os fiéis, com gestos característicos de um pastor, que acolhem, cuidam e orientam - a mão levantada de tal forma, como se fosse acariciar; a postura do olhar, buscando ver todos sem se fixar em ninguém, móvel, assim como um radar que perscruta as atitudes dos fiéis, para chamar-lhes à atenção, para fazer com que compreendam que aquela palavra se dirige a cada um; os movimentos sóbrios, mas vivos e perceptíveis por todos; o silêncio bem dosado e na busca da participação dos ouvintes, pois a palavra se expande no silêncio; perguntas diretas e objetivas, com pausa suficiente para que cheguem ao pensamento de quem ouve. Os exemplos (43), em que se pode perceber o efeito de sentido que emerge do silêncio, qual seja, evidenciar a conduta de Jesus, e (44), no qual se pode observar as perguntas diretas e seguidas de pausa, de modo a buscar a atenção e/ou a reflexão dos fiéis, nos mostram algumas dessas características.

(43) se você sair da cruz... arrancar os pregos e descer da cruz nós vamos acreditar em ti... só assim... é a tentação do tempo oportuno... e Jesus aceitou isso? ... **não... Ele morreu na cruz... indefeso... frágil... sem força... completamente entregue...** (H9)

(44) será que ... em todos os lugares que eu estou... **eu procuro criar comunidade?... comunhão entre as pessoas?... tentando ser um amigo que está aqui do lado?...** (H1)

Em relação às **condições de produção**, na homilia, o enunciador é sempre o celebrante, que desenvolve uma tarefa que lhe é própria: o exercício do ministério da Palavra

de Deus. Com essa Palavra, guia efetivamente os fiéis para entender a Sagrada Escritura; alimenta sua fé, prepara-os para a comunhão e os chama a assumir os compromissos da vida cristã, falando como porta voz de Cristo.

A Palavra de Deus chega aos fiéis por meio de quem a ouviu e a viveu, portanto é uma questão de testemunho. As pessoas podem não acreditar naquilo que se diz, mas certamente acreditam nas coisas que se faz; podem não acolher o que se sabe, mas o que se testemunha. Os exemplos (45) e (46) nos mostram isso.

(45) eu sou Igreja quando eu estou aberto prá comunhão com as pessoas... seja na família... seja no trabalho... seja n/no meu bairro... com os meus vizinhos... a minha vizinhança... seja com as pessoas que eu encontro na rua... desconhecidos... eu tô no ponto de ônibus... eu tô na fila do banco... eu to ne/na Batista de Carvalho... eu estou na avenida... num sei... na Duque de Caxias.. eu estou em QUALQUER LUGAR... eu estou ABERTO para ajudar... eu estou aberto para entrar em comunhão com as pessoas... (H1)

(46) então a Igreja nos chama hoje a entrarmos nesse espírito, para recebermos o Menino Deus que vem... sermos alegres... então... que esta mensagem deste domingo nos ajude a ter GOSTO pela vida... há muitas pessoas tristes...desanimadas...com a cara feia... a gente olha... tem medo...faz nome do Pai...Filho e Divino Espírito Santo... arreda... vai pro outro lado... NÃO... nós viemos na Igreja nos encontrarmos com JESUS... se nós temos Deus... nós somos pessoas alegres... (H10)

Os destinatários são sempre os fiéis, presentes na liturgia, a quem o celebrante chama de irmãos e irmãs, conforme já mencionado.

Outro recurso muito importante na homilia é a cumplicidade. A identificação com seus interlocutores leva o pregador a conseguir a empatia deles. Com a cumplicidade, o pregador entra no mundo do ouvinte e permite que o ouvinte entre no mundo do texto bíblico. Vejamos os exemplos (47) e (48), em que o celebrante emprega a primeira pessoa do singular e do plural e a expressão "a gente", que constitui uma primeira pessoa coloquial.

(47) Deus fala em Servo inútil... inútil não é no sentido de desprezo... não no sentido de que não é importante ou algo que Deus não olha... podemos interpretar esse texto de maneira equivocada... então para Deus eu sou um ser inútil? NÃO... NÃO É ISSO... prá Deus **nós somos** filhos... prá Deus **nós somos** importantes e Deus **CONTA conosco... comigo e COM VOCÊ...** (H8)

(48) então a grand/aí... qual que é o problema? ahh... vamos rezá prá Jesus voltá logo e **DAR UM JEITO NESSE MUNDO...NÃO...** num é responsabilidade Dele... É **NOSSA...**Ele passou o cajado **prá gente...** passou o bastão **prá nós...** (H4)

Parece-nos que a homilia constitui um monólogo. Nas homilias que constituem o nosso *corpus*, nenhum sacerdote pediu a participação efetiva dos fiéis com perguntas e respostas, mas fazem apenas perguntas retóricas, sem esperar as respostas da Assembléia, conforme já apontamos, ao tratar das características da superfície linguística.

Ainda em relação às condições de produção, observamos que o sacerdote, ao fazer a homilia, age como o próprio Cristo, como alguém que cuida (quem produz), e o faz para exercer a sua missão pastoral e evangelizadora dos fiéis (para quem produz), esclarecendo-os, orientando-os, estabelecendo normas, dentre outros. Nos exemplos (49) e (50), temos amostras das homilias, no que se refere a esse "para quem".

(49) quando você fizer qualquer coisa e até receber um resmungão... SE ALEGRE... por quê?... porque o teu Pai que está no céu viu... e a recompensa ficará por conta DELE...palavras de Jesus... (H8)

(50) então... que cada um aqui viva... nos seus ambientes... a COMUNHÃO... a ECLÉSIA... isso é MARAVILHOSO... quando eu posso ver isso... e não há NINGUÉM... que seja TÃO pobre que num possa partilhar... e não há NINGUÉM... que seja TÃO rico... que num possa receber... nós estamos sempre recebendo e sempre dando... e é dando que a gente recebe mais... num é?... então não se esqueça disso... que ser Igreja é SIMPLES... não se esqueça a imagem de/do jovem ajudando a atravessar a idosa na avenida... ISSO é Igreja... que cada um aqui seja Igreja em QUALQUER ambiente que estiver (H1)

Considerações Finais

Tendo em vista as análises realizadas, observamos que, segundo afirma o próprio Papa Francisco, a homilia é uma retomada do diálogo que já está estabelecido entre o Senhor e o seu povo. Aquele que prega, realizando a sua função missionária e evangelizadora, procura conhecer sua comunidade para identificar aqueles que já estão em comunhão com Deus, mas principalmente aqueles que ainda não estão. Assim, a função da homilia não é apenas explicar os textos bíblicos, mas é preciso ligá-los com a realidade da comunidade para fazer a comunidade refletir, abrindo os fiéis à conversão e à transformação pessoal e da sociedade.

Por meio da homilia, os fatos históricos passados, relatados na Bíblia, passam a ter um significado presente e interpelante para quem a lê e ouve. Sendo Palavra de Deus, encerra um sentido maior que vale para todos os tempos, embora reinterpretados na nova conjuntura. A

homilia é uma ajuda para os fiéis procederem a essa releitura da Bíblia para sua vida presente. Assim três perguntas orientam e facilitam o papel do sacerdote, ao proferir a homilia: qual é a boa notícia de Deus para nós hoje?; qual o apelo que Ele nos faz?; qual é nosso compromisso com esta Palavra - na celebração e na vida?

Dessa forma, como texto predominantemente do tipo injuntivo, a homilia pretende dizer a ação requerida/desejada; dizer o que e o como fazer, incitando o interlocutor à realização da situação, conforme proposto por Travaglia (2007a). Mesmo diante de uma heterogeneidade tipológica que constitui a superfície lingüística do gênero, verificamos que, ao fazer a homilia, empregam-se sequências descritivas, narrativas e argumentativas cujo conteúdo temático serve como referência para o pregador dizer aos fiéis como eles devem agir e para construir um discurso em que se observa uma preocupação, sempre, em reforçar a ligação entre a Escritura e a vida prática, exortando os fiéis para o crescimento e a perseverança no seguimento de Jesus Cristo.

As categorias de análise permitiram-nos proceder à descrição e caracterização das homilias, caracterizando-as enquanto gênero. A partir dessa análise, pudemos inventariar as suas configurações, no que se refere à estrutura composicional, ao conteúdo temático, à função sociocomunicativa, às características da superfície lingüística e às condições de produção.

Esperamos que este estudo constitua uma contribuição pertinente ao estudo dos gêneros orais, de como eles são e de como eles funcionam nas diferentes sociedades e culturas com suas comunidades discursivas.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros Orais e Escritos na Escola**. Campinas, SP, Mercado de Letras, 2004.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH Ingedore G. Villaça. **Lingüística textual: uma introdução**. São Paulo: Cortez, 1983.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Perspectivas no ensino de língua portuguesa nas trilhas dos parâmetros curriculares nacionais**. In: 9º Congresso brasileiro de língua portuguesa. PUC/SP, 2002b

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva (Org.). **Fala e Escrita**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PERI, Vittorio. **Homilia: não lançar palavras ao vento**. Trad. de José J. Queiroz. São Paulo: Editora Ave Maria, 2014.

SWALES, John M. **Genre analysis – English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos et alii. **Gêneros orais – Conceituação e caracterização**. In Anais do SILEL, vol. 3, nº 1 . XIV Simpósio Nacional de Letras e Linguística e IV Simpósio Internacional de Letras e Linguística. Uberlândia: EDUFU, 2013. p. 1 a 8.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A caracterização de categorias de textos: tipos, gêneros e espécies**. Alfa: Revista de Linguística, v. 51, p. 39- 79, 2007a.

_____ **Das relações possíveis entre tipos na composição de gêneros**. In: 4o Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. Anais [do] 4º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (4º SIGET). Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, 2007b. v.1. p.1297 – 1306.

_____ **“Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos”** in FÁVERO, Leonor Lopes; BASTOS, Neusa M. de O. Barbosa e MARQUESI, Sueli Cristina (org.). Língua Portuguesa pesquisa e ensino – Vol. II. São Paulo: EDUC/FAPESP, [2003]/2007: 97- 117.

_____ **Tipologias textuais literárias e linguísticas**. Scripta, v.7, p.146 - 158, 2004.

_____ Sobre a possível existência de subtipos. **Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN**. Organizador: Dermeval da Hora. João Pessoa, 2009. p. 2632-2641.

Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* nº 7 – sobre a Sagrada Liturgia, do Papa Paulo VI (disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. . Acessado em 13/01/2016.)

Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco (disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acessado em 13/01/2016)

Ordo Lectionum Missae, promulgado em 25 de maio de 1969, a pedido do Papa Paulo VI (http://www.ccwatershed.org/media/pdfs/14/05/05/11-44-20_0.pdf . Acessado em 17/01/2016)

Indicação do *Corpus*

1. <https://www.youtube.com/watch?v=UqfjBPKF3EE> - Homilia do Padre Paulo Floriani - 5º Domingo do tempo Comum. Acesso em 22/01/2016.
2. <https://www.youtube.com/watch?v=zvp7FbsS1r8> - Homilia Padre Álvaro - Pentecostes. Acesso em 20/01/2016.
3. <https://www.youtube.com/watch?v=VPcrLLi8lvY> - Homilia Padre Ederaldo - Ascensão do Senhor. Acesso em 19/02/2016.
4. <https://www.youtube.com/watch?v=UQBzytdP01c> - Homilia Padre Júlio Lancellotti - 1º Domingo da Quaresma. Acesso em 20/01/2016.
5. <https://www.youtube.com/watch?v=AxYBOV5AnSE> - Homilia Padre Reginaldo Manzotti - 32ª Semana do Tempo Comum. Acesso em 13/02/2016.
6. <https://www.youtube.com/watch?v=KiM4vhNgfes&index=41&list=PLbWUHSHnpOmM8ng1lpdblAPZG4saBBdW> - Homilia Padre Beto - 3º Domingo da Páscoa. Acesso em 12/01/2016.
7. <https://www.youtube.com/watch?v=2o1G8uATDys> - Homilia Padre Jair - 7º Domingo do tempo comum. Acesso em 06/01/2016.
8. <https://www.youtube.com/watch?v=dRm9gt-WXdc> - Homilia de Frei Petrônio de Miranda - 3º Domingo do Advento. Acesso em 03/02/2016.
9. https://www.youtube.com/watch?v=_mjV8q5rod8 - Homilia do padre Adriano Zandoná - 2ª Semana da Quaresma. Acesso em 17/01/2016.
10. <https://www.youtube.com/watch?v=GFwcz8eG08g> - Homilia do Padre Rosivaldo Motta - 5º Domingo da Páscoa. Acesso em 17/01/2016.